

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Associação Portuguesa de Estudos Clássicos

**Boletim  
de  
Estudos Clássicos**

vol. 36

DEZEMBRO 2001

COIMBRA

**ALFONSO GARCÍA MATAMOROS E MIGUEL VENEGAS: O POEMA DEDICATÓRIO DO *PRO ADSERENDE HISPANORUM ERUDITIONE* (1553)**

O jesuíta espanhol que no século XVI deu início, em Portugal e em Roma, ao teatro jesuítico, começou a sua carreira de mestre na Universidade de Alcalá de Henares, no Colégio Trilingue de S. Jerónimo, na década de cinquenta, enquanto ainda cursava Teologia.

Considerado pelos seus contemporâneos grande poeta e orador, as únicas obras que Miguel Venegas publicou em vida foram dois poemas dedicatórios de livros de Retórica, o primeiro em 1553, precisamente no seio da Universidade Complutense, e um segundo em 1562. O último, dedicado aos *De Arte Rhetorica Libri Tres* de Cipriano Soares publicados pela primeira vez em Coimbra, apresentei-o traduzido e comentado no *Boletim* 35.

O primeiro poema é simultaneamente a mais antiga obra que se conhece do poeta. Foi composto no tempo do seu magistério na Universidade de Alcalá de Henares, e portanto, quando o autor era companheiro de Alfonso García Matamoros no Colégio Trilingue, como aliás indica no título do próprio poema. Um ano depois daquela publicação, com efeito, Miguel Venegas deixaria o seu cargo na Universidade e entraria para a Companhia de Jesus, onde faria uma carreira de mestre de Humanidades e Retórica que em breve o haveria de trazer para Lisboa, pouco depois para Coimbra e daqui para Roma e para Paris. Se mesmo assim foi breve a sua carreira, isso não impediu o mestre de deixar rasto, principalmente no género dramático, em que Miguel Venegas foi criador de um arquétipo de tragédia bíblica amplamente imitado por toda uma geração de jesuítas.

O poema que aqui apresento acompanhou pois aquela que é talvez a obra mais célebre de García Matamoros, intitulada *Pro adserenda Hispanorum eruditione siue De uiris Hispaniae doctis Narratio Apologetica*, de 1553, e que constitui uma espécie de primeira História da Literatura em Espanha, com fins naturalmente apologéticos.<sup>1</sup> Nela contempla García Matamoros todos aqueles

<sup>1</sup> *Compluti. Ex officina Ioannis Brocarii*. Existe edição moderna acompanhada de tradução e comentário, feita por José López de Toro, *Apologia*.

que cultivaram as letras em Espanha, desde a pré-história até aos humanistas seus contemporâneos, passando pelo período de Augusto e dos Antoninos e por toda a Idade Média, com realce natural para aquela a que chama a *escuela Cordobesa*, bem como para Séneca e para os seus contemporâneos.

Projecto ambicioso! Tão ambicioso que o autor não resistiu a associar à época do maior esplendor das letras em Espanha fenómenos como a fundação da Universidade de Coimbra ou a obra literária do nosso D. Jerónimo Osório...

Feita esta apresentação sumária do livro de García Matamoros, ouçamos agora as palavras com que o seu companheiro Venegas elogiou o mestre e a obra.

*Michaelis Venegas Abulensis, in Academia Complutensi liberalium artium Magistri, Collegae etiam Trilinguis, in commendationem operis Epigramma*

“Eia, age, qui quondam pleno uelut amne fluebas

Hibernas referens, cum loquerere, nubes,

Eloquii phaleras<sup>2</sup>, ueteres omittes colores<sup>3</sup>,

Iamque aliquid maius concipe, magne pater.

Maius opus molire aliis, noua carbasa tende. 5

Aequoreas sulcet iam tua puppis aquas.”

Talibus orabat Matamorum culta iuuentus,

Flexanimae in castris quae meret aera deae.<sup>4</sup>

Ille tamen precibus placidas accomodat aures,

Et similes dulci promittit ab ore sonos: 10

“Ille ego qui nuper rupta quasi nube tonabam,

In cuius labiis flaua Minerua sedet.

Ille ego, cui uarios peperit mea Musa libellos,

Qui multas onerant non sine laude manus.

Gentis, Ibero, tuae paucos commendo togatos. 15

Arma iuuant alios; est mihi grata toga.”

Dixit. Et hunc subito per Baetica<sup>5</sup> Tempe<sup>6</sup> libellum

*Pro adserenda Hispanorum eruditione. Edición, estudio, traducción y notas, Madrid, 1943.*

<sup>2</sup> *Phalerae* eram umas placas de metal brilhante, usadas na decoração militar.

<sup>3</sup> *Color* aplicado a *eloquii* significa o brilho ou o colorido do estilo.

<sup>4</sup> Refere-se à deusa Minerva, cujo nome explicita no v.12.

*Ad Tartessiacum<sup>7</sup> iussit abire Deum.*

*Vade per hostiles, nihil et uereare, cohortes.*

*Per uarias igitur perge, libelle, uias. 20*

*Si pater ipse tuus sese retulisset in album,*

*Nullum fama aliud iam loqueretur opus.*

#### Tradução

Miguel Venegas, de Ávila, Mestre em Artes Liberais na Academia Complutense e companheiro do autor no Colégio Trilingue, em louvor da obra.

“Tu que outrora, quando falavas, escorrias como um rio caudaloso,]

trazendo de novo as chuvas invernais,  
o brilho antigo põe de parte e o colorido do discurso,  
e algo de maior concebe, ó nobre pai.

Maior obra edifica, novas velas estende. 5

Percorra teu navio, sem demora, as ondas do mar.”

Com tais palavras suplicava a Matamoros a douta juventude que ganha o soldo nas campanhas da deusa que vence os espíritos.]

E ele concedeu às preces os ouvidos benévolos,  
e da sua doce boca doces palavras fez soar: 10

“Eu sou aquele que outrora trovejava como nuvem estrondosa  
e em cujos lábios Minerva dourada tem assento.

Sou aquele a quem minha Musa fez criar livros variados  
que agora, com justiça, muitas mãos carregam.

Ibero, do teu povo eu te recomendo poucos eruditos. 15

As armas sirvam a outros; a mim apraz-me a toga.”

Assim falou. E logo ordenou que este livro partisse pelo vale do Bétis]

<sup>5</sup> O rio Guadalquivir.

<sup>6</sup> *Tempe* é um neutro plural indeclinável. É o nome de um vale ameno junto ao Monte do Olimpo, na Tessália. *Tempe Baetica* designa, por metonímia, o vale do Bétis.

<sup>7</sup> Tartesso é o nome grego dado a uma região mal determinada da Espanha meridional. Porém esse nome também foi dado ao rio Bétis (ou Guadalquivir), que corre para sul da Serra Morena. O deus de Tartesso, esse parece ser Apolo. Segundo Sílio Itálico (3.99) era aí que o deus tinha estábulo para os seus cavalos e para lá os conduzia. Cf. também Ovídio, *Met.* 14, 416.

até junto do deus de Tartesso.  
 Parte pois pelas tropas inimigas e nada temas,  
 pequeno livro. Segue todos os caminhos. 20  
 Se o teu próprio autor nesse album se expusesse,  
 nenhuma outra obra a fama poderia mais louvar.

Para entender os versos de Venegas é preciso termos em conta o carácter peculiar do livrinho que o autor pretendia apresentar: uma espécie de história literária de Espanha que, sob a forma de album, percorria os nomes dos autores mais notáveis, desde Séneca até aos irmãos Vergara e a outros nomes contemporâneos de Matamoros em Alcalá.

Segundo Miguel Venegas, a obra de Matamoros nasceu da sua actividade enquanto mestre. Teriam sido os seus discípulos a pedir-lhe que compusesse aquele livro sobre os homens eruditos da história de Espanha (v.15). A esses caracteriza-os por meio da clássica dicotomia entre as armas e a toga, fazendo equivaler os togados aos eruditos, ou seja, àqueles que se dedicam às letras.

Num poema carregado de imagens e referências mitológicas clássicas, Venegas exalta o valor dos que se distinguiram pela sua erudição – aqueles que envergaram a toga e não as armas, e que serão objecto do livro de Matamoros – para finalmente concluir que, de todos, o maior é o próprio Matamoros. Se o seu nome fosse incluído naquele album de notáveis, termina, nenhuma outra obra teria maior fama. Por isso o livro está destinado a ser conhecido também em terras estrangeiras.

São curiosas as palavras com que o poeta descreve a actividade anterior do seu companheiro como orador e mestre de Retórica. Outrora Matamoros “escorria como rio caudaloso que transporta as chuvas inverniais”. Ou em imagem mais poderosa ainda, que não desdiz do nome do próprio orador evocado, Matamoros “trovejava como nuvem estrondosa” e os seus lábios eram trono de Minerva.

Nada há nestas palavras de depreciativo em relação ao orador ou ao mestre, e isso é bem visível na primeira parte do poema, quando Venegas alude aos discípulos de Matamoros, estudantes de Retórica. De forma rebuscada, o poeta designa-os como *culta iuuentus / Flexanimae in castris quae meret aera deae*, ou seja “a douta juventude / que ganha o soldo nas campanhas da deusa que

vence os espíritos”. A deusa que vence os espíritos só pode ser identificada com Minerva. A metáfora militar, presente ao longo de todo o poema em sentidos diversos, estende-se então à actividade do estudo, de modo particular ao estudo e à prática da Retórica, por meio da qual Minerva é chamada a *dea flexanima*, ou a deusa que vence os espíritos. Minerva é assim apresentada como uma alegoria da própria Retórica. )

Este poema de Miguel Venegas e o de 1562, publicado em Coimbra, constituem pois dois exemplos elucidativos do poema dedicatório, um género muito cultivado pelos autores neolatinos do século XVI.

MARGARIDA MIRANDA